



Procura de crédito para projectos de turismo excede expectativas

Santander Totta, BES e CGD garantem que, não obstante se ter verificado um abrandamento de fluxo de projectos, a procura de crédito, por parte das empresas, para investirem no sector do Turismo “tem excedido as expectativas”. Apesar de não adiantarem números precisos, as instituições bancárias dão conta que as cadeias hoteleiras e as empresas de turismo de habitação são as que têm mostrado um “dinamismo particular”. O perfil das firmas que pedem dinheiro para este contexto é generalizado, abrangendo desde grandes empresas a PME.

A “Vida Económica” fez um périplo pela banca lusa para perceber a oferta, e respectiva procura, referente a crédito ao investimento no turismo, no âmbito dos protocolos celebrados com o Turismo de Portugal e Ministério da Economia. Santander Totta, BES e CGD aceitaram responder às perguntas, ainda que de forma condicionada no que concerne a números, mas concordam numa tónica: trata-se de um sector preponderante para a economia nacional, logo, devem continuar a ser criados incentivos aos em-

presários.

“O Santander tem dedicado uma atenção e apoio especial às empresas do turismo, considerando um sector-chave no desenvolvimento da economia portuguesa face às elevadas potencialidades desta actividade no nosso país”, diz fonte oficial.

O BES acentua, de igual forma, a ideia. “Nunca como nesta altura as empresas do sector do turismo tiveram tanta oferta, em termos de linhas de crédito, para apoio à sua actividade. Além da possibilidade que o banco tem de, per si, apoiar directamente e sozinho, os projectos que entende terem viabilidade, existe um conjunto de linhas de crédito protocoladas que enriquecem a oferta”, explica fonte institucional.

Protocolo do Governo com a banca prevê taxas de juro favoráveis e prazos alargados

As três instituições bancárias têm, ao abrigo de um acordo estabelecido com o Governo, uma linha de financiamento para este sector económico que, fundamentalmente, concede taxas de juro “muito favoráveis e prazos de financiamento alargados”, garante a CGD.

Neste âmbito, o banco estatal explica que tem protocolado a Linha de Crédito Turismo, “que prevê o financiamento de projectos de investimento do sector, económica e financeiramente viáveis que, em função das prioridades definidas no Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), contribuem para o aumento da qualidade, inovação e competitividade da oferta turística nacional. Esta linha prevê, igualmente, o financiamento de projectos que visem a reconver-



Santander, BES e CGD defendem que linhas de apoio ao turismo têm tido sucesso, apesar da crise, e devem “continuar a ser implementadas”.

são de empreendimentos existentes para tipologias estabelecidas no regime jurídico da instalação, exploração e funcionamento dos empreendimentos turísticos”.

O BES encontra-se no mesmo cenário, e lembra que “as empresas podem aceder às linhas do QREN para apoiar os seus projectos de investimento à linha protocolada BES/Turismo de Portugal para investimento em remodelações e podem recorrer também à PME Investe, para investimento e apoio de tesouraria de reestruturação financeira”. Para além de outras linhas de apoio que têm como pressuposto a consolidação do tecido empresarial luso, com especial incidência nas PME, este

banco criou o fundo “PME Capital Growth que, com uma dotação de 120 milhões de euros, apoia a capitalização das PME com negócio viável e potencial de crescimento mas que necessitam de um apoio adicional na actual conjuntura económica”.

Apesar da crise, os três bancos mostram-se satisfeitos com a receptividade deste tipo de crédito junto das empresas. “O balanço que fazemos é muito positivo, pois as condições são efectivamente muito vantajosas para as empresas do sector, sendo cobertas as necessidades de investimento e de tesouraria de forma abrangente, traduzindo-se numa oportunidade única para as empresas aumentarem a sua com-

petitividade e expandirem a sua actividade”, argumenta a CGD.

O BES fala mesmo numa “procura que tem excedido das expectativas formadas inicialmente”, apesar de reconhecer que a busca tem sido superior “nas linhas de reforço de tesouraria e reestruturação, em detrimento dos novos investimentos”.

O Santander, por seu turno, garante que “o balanço é positivo no que se refere aos diferentes instrumentos de crédito, tendo sido possível apoiar interessantes projectos de raiz, como de requalificação de unidades turísticas e em diferentes regiões do país”.

MARTA ARAÚJO
martaaraujo@vidaeconomica.pt

Santander com 31% de quota de mercado no turismo

Encarando o turismo “como um dos sectores mais preponderantes da economia” lusa, o Santander apresenta-se como “um dos bancos líderes”, tendo, segundo o mesmo, uma “quota de mercado de 31% na comercialização da Linha de Crédito do Regime de Protocolos Bancários com o Turismo de Portugal”.

O produto em causa, adianta fonte oficial do banco, “para além da bonificação de juros atribuída pelo Turismo de Portugal, proporciona prazo alargado dos financiamentos, que podem variar entre os seis e os 15 anos, factores estes que constituem uma das principais vantagens deste produto de crédito”.

O BES, por seu turno, diz ter “a liderança na globalidade das Linhas PME Investe, com uma quota de 21% do total de crédito analisado pelas sociedades de garantia mútua”. Desde o início deste tipo de apoios, o banco terá aprovado “mais de 1900 milhões de euros de crédito, a cerca de 10 mil empresas”.

PERFIL DAS EMPRESAS É “GENERALIZADO” MAS TURISMO DE HABITAÇÃO GANHA RITMO

Com o pressuposto de traçar o perfil das empresas que solicitam crédito para o investimento no turismo, a “Vida Económica” auscultou os bancos que, por seu turno, dizem ser “diversificado”. Ainda assim, é possível perceber, através dos escassos dados disponibilizados, que as cadeias hoteleiras e as empresas de turismo de habitação ganham destaque.

“Felizmente podemos dizer que a sua utilização tem sido generalizada. Desde empresas de pequena dimensão que necessitam de pequenos apoios de tesouraria até às maiores que procuram apoio para novos investimentos ou procuram os novos instrumentos que permitem o reforço das suas estruturas de capitais no âmbito do Programa PME Consolida”, expõe o BES.

O Santander Totta vai no mesmo sentido e afirma que “o perfil das empresas que têm recorrido aos financiamentos do sector do turismo, e em particular

às linhas protocoladas com as entidades públicas, é variado”. Desde PME “às empresas de maior dimensão, nomeadamente, cadeias hoteleiras”, refere fonte oficial.

Ainda neste sentido, a mesma instituição bancária destaca “a existência de um mercado de empresas de turismo de habitação que têm revelado um dinamismo particular, quer na criação de novas unidades, como na requalificação de empreendimentos já existentes”.

A CGD assegura “ter vindo a acompanhar a entrega dos apoios, tanto no âmbito dos protocolos estabelecidos, como através de crédito complementar nas componentes de investimento não enquadráveis nas linhas protocoladas, o que tem sido bem recebido pelas empresas que nos procuram”.

MARTA ARAÚJO
martaaraujo@vidaeconomica.pt

PME Investe são produtos “prioritários” para as empresas

As linhas PME Investe, que neste momento vão na sua sexta versão, proporcionam juros bonificados e condições de acesso ao crédito mais facilitadas por via da associação a estes, de financiamentos do Sistema de Garantias Mútuas. Desta feita, e segundo a “Vida Económica” apurou junto da banca, estas têm sido, desde meados de 2008, a grande aposta por parte das empresas para se conseguirem financiar.

“Estas linhas têm sido o produto de crédito a que as empresas têm prioritariamente recorrido”, diz fonte oficial do Santander Totta.

Na persecução do objectivo de “oferecer aos seus clientes soluções integradas para apoio aos investimentos, o Santander disponibiliza ainda linhas específicas para apoios aos projectos QREN”, acrescenta a mesma fonte.

Conheça os instrumentos disponíveis para reforçar a estrutura de capital da sua empresa

No âmbito do programa PME Consolida, elaborado pela banca em sintonia com o programa orçamental do Governo, destacam-se três instrumentos de apoio para o reforço da estrutura de capitais das empresas.

A saber: o Fundo Imobiliário Especial de Apoio às Empresas, o Fundo de Capital

de Risco para a Dinamização Turística e o Fundo Autónomo de Apoio à Concentração e Consolidação de empresas.

Estes instrumentos foram criados, especificamente, com o objectivo de promover o desenvolvimento, capitalização e reestruturação das pequenas e médias empresas nacionais economicamente viáveis.

PROCURA DE CRÉDITO
PARA PROJECTOS
DE TURISMO
EXCEDE EXPECTATIVAS

